



Quando a nosotras no nos quieren tanto, as bruxas se reúnem e falam: a violência de gênero em um romance de Marcela Serrano

Glaucia Moreira Secco¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
glauciasecco@gmail.com

Resumen: Históricamente, la literatura y el campo intelectual estuvieron dominados por hombres. Los estudios feministas desarrollaron esquemas de lectura que conllevan a grandes cambios, al traer a la luz y a una dimensión protagónica voces que estuvieron marginadas por siglos. Así que, a la luz del concepto de “violencia simbólica”, de Pierre Bourdieu, y de los estudios de género, en este trabajo nos proponemos pensar las distintas manifestaciones de violencia de género presentes en la novela *Nosotras que nos queremos tanto*, de Marcela Serrano. Quisimos pensar como “brujas contemporáneas” a esas cuatro mujeres chilenas –Ana, Isabel, María y Sara– que, de distintas formas, traen a escena la lucha contra un régimen patriarcal opresor que buscó destruir el control que la mujer ejercía sobre su cuerpo y la función reproductiva. En esas cuatro historias personales están los ecos de las disputas del mundo social: la crisis de la utopía, el desengaño, la sumisión, el matrimonio, el trabajo, el sexo, las violencias que dejan huellas en la condición femenina.

Palabras clave: Género – Literatura – Mujeres – Violencia simbólica – Violencia de género

Abstract: Historically, literature and the intellectual field have been dominated by men. Feminist studies developed reading schemes that ultimately led to major changes, bringing long-marginalized voices to light and giving them a protagonist dimension. Thus, in this work, in light of Pierre Bourdieu’s concept of “symbolic violence,” and gender studies, we propose to contemplate the distinct manifestations of gender violence present in the novela *Nosotras que nos queremos tanto* by Marcela Serrano. We wish to analyze how Serrano’s four Chilean “contemporary witches” –Ana, Isabela, María, and Sara– demonstrate the struggle against an oppressive patriarchal regime that seeks to destroy women’s control over their own bodies and reproductive function. Broader, global social disputes echo through these four personal histories: the crisis of the utopia, disillusionment, submission, marriage, work, sex, all part of a violence that leaves scars on the feminine condition.

Keywords: Gender – Literature – Women – Symbolic violence – Gender violence

¹ **Glaucia Moreira Secco** é aluna de Mestrado no Programa de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O artigo forma parte de sua pesquisa sobre a escritora chilena Marcela Serrano.



Introdução

A obra escolhida para a análise neste artigo é o romance *Nosotras que nos queremos tanto* (1991), da autora chilena Marcela Serrano. O romance traz como protagonistas quatro personagens femininas que transgridem os papéis sociais tradicionalmente femininos, ao tomarem para si o relato e a edificação da memória de suas vidas e da construção política de seu país, o Chile. Por meio da polifonia narrativa, a autora evidencia relações de subjetividades, dentro da coletividade do encontro, cada qual permeada por enredos individuais que se costumam aos demais e formam um amálgama discursivo capaz de denunciar as matizes sutis das interações entre masculinidades e feminilidades, em conversas que discutem, vivenciam e constroem diálogos genderificados, ou seja, diálogos possibilitados a partir das relações de gênero. Considera-se, portanto, o feminino e o masculino como fios balizadores desse diálogo.

As quatro vozes narrativas e protagonistas do romance inserem-se nesse contexto de maneira ativa e reflexiva como partes fundamentais de acontecimentos históricos dos anos 1970 e, também, como herdeiras de traumas profundos da sociedade chilena. No final do primeiro capítulo do romance, Ana, que se apresenta como a contadora das histórias que serão narradas, antecipa-nos a importância da diversidade de vozes femininas - e de sua equiparação. Diz Ana:

(...) la capacidad de observar –ni siquiera de analizar– está muy mermada hoy en día, cuando todos quieren ser protagonistas. Yo no soy protagonista de estas páginas, si es que existe claramente alguna. Aquí sólo hay mujeres, cualquiera de ellas. Somos tan parecidas todas, es tanto lo que nos hermana. Podríamos decir que cuento un, dos o tres historias, pero que da lo mismo. En el fondo, tenemos todas –más o menos– la misma historia que contar (Serrano 15).

As personagens reencontram-se no início da década de 1990, no período de redemocratização do Chile. O local escolhido é bastante emblemático e simbólico: uma casa do lago no sul do país. “Después de todo, no habían planteado ellas mismas que el lago les serviría de sanatorio? Pero,



al mirárlas, pensé en flores marchitas” (Serrano 17). Formando uma espécie de comunidade feminina ancestral, essas quatro mulheres apartam-se momentaneamente de suas rotinas para reunirem-se em torno de um lago e estabelecerem rituais próprios de cura: diálogos, preparo de alimentos, troca de segredos, alegrias e afetos. Em seus relatos, há, muitas vezes, reconhecimento de dores, opressão e cansaço. Afinal, muitas vezes, para se sentirem plenamente seguras e confortáveis, as mulheres necessitam de abrigo na amizade de outras mulheres.

Segundo a escritora ítalo-americana Silvia Federici, as sociedades primitivas pré-capitalistas medievais organizavam-se em comunidades cooperativas e não hierarquizadas. Mais tarde, com a ascensão do poder da Igreja romana, conheceríamos esses grupos como hereges.

(...) as mulheres e os homens hereges viviam juntos livremente, como irmãos e irmãs, da mesma forma que nas comunidades ágapes da Igreja primitiva. As mulheres também formavam suas próprias comunidades (Federici 83).

As personagens de Serrano, então, abrigam-se em uma comunidade privada, em um contexto de pós-ditadura chilena e de conscientização de traumas pessoais, a fim de alcançarem o afeto e a liberdade necessária para o resgate de si, a partir da comunhão com as outras mulheres.

As personagens

Ana é a narradora principal da história. Apresenta-se como a mais velha: “Soy la mayor. Es la razón que inventé para contar estas historias” (Serrano 11). É através de sua voz que se costumam todas as outras narrativas que ambientam o romance. No passado (final dos anos 1970), também militante de esquerda, conhece as outras personagens e, desde então, tornam-se amigas. Ana é professora, casada, tem filhos e netos e é a anfitriã que recebe as amigas para as férias de verão, onde acontecem os relatos da narrativa.



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

Nossa segunda mulher é Maria, provavelmente, a personagem mais complexa do romance e, por vezes, toma todo o espaço da narrativa. Assim como as outras, é ex-militante de esquerda e, no passado, envolveu-se com os protestos contra a ditadura de Pinochet. Descrita como bela, rica e inquieta, configura-se como a “pobre menina rica” na narrativa. De família tradicional, estudou em escolas e universidade católicas. É impulsiva, envolve-se com muitos amantes e sofre com o alcoolismo e a depressão. É a personagem mais intensa. Nas primeiras páginas, é dela a voz da narrativa. Ela fala desde uma clínica de internação psiquiátrica.

Dicen que estov enferma.

No sé muy bien por qué estov en esta clínica. Me traio Magda aquella noche. pensando que había intentado suicidarme. Traté de explicarle al día siguiente que no era mi intención. Magda no entiende que yo sólo estaba cansada. Por eso perdí el conocimiento. Igual podría haberme llevado a un hospital cualquiera. Pero no me creen. Dicen que la mezcla de tranquilizantes y alcohol puede ser letal. Y que yo lo sabía (Serrano 9).

A próxima personagem é Isabel, apresentada como a típica mulher bem-sucedida socialmente - pelo menos em teoria. Compõe a elite aristocrática chilena, é considerada uma dona de casa perfeita, uma profissional irrepreensível, dona de uma beleza elegante e clássica. Sufocada pela correria de uma vida em que os próprios anseios se perderam entre os horários escolares dos filhos e os compromissos sociais do marido, em certo momento da narrativa entrega-se de modo intenso a uma paixão avassaladora por um de seus alunos da universidade. O sentimento de culpa que a acompanha durante toda a vida, porém, impede-a de prosseguir.

¿Cómo es posible que este hombre me gustara hace veinticuatro horas atrás? ¿Cómo puede la libido ser así de frágil? ¿Es que es usual que al primer embate desaparezca de este modo? No sólo he dejado de desearlo en tan corto plazo. es que me produce rechazo. o repulsión para ser más exacta. ¡No quisiera que me tocara la punta del dedo. cuando aver morría por sus manos! Eso no sucede con los maridos. En estos veinte años nunca he sentido repulsión por Hernán. ¡Qué estúpida he sido! (Serrano 305).



A última personagem é Sara, mulher de origem humilde, advinda de uma grande família formada por muitas mulheres. Torna-se uma advogada de espírito forte e grande defensora das mulheres, sua causa maior. Sara carrega o amargor de um único amor que lhe deixou severas marcas e encaminhará para sempre seu destino.

- ¿Pero. Sara. dime. cómo le aguantaste tanto a ese hombre?

- ¿Cómo me aguanté tanto a mí mism. querrás decir. Fue culpa mía. Es por eso que he cerrado el capítulo matrimonio. Porque si me enamoro. pierdo toda dignidad. Porque soy un ser humano capaz de vivir lo que he vivido como onción. Me avergüenzo de la Sara de aquellos años. pues si me pasó lo que me pasó, fue porque yo lo permití (Serrano 107).

As mulheres são apresentadas nominalmente, sem sobrenomes, o que indica igualdade no trato das relações sociais entre elas. A ausência da marca do sobrenome apaga as diferenças existentes entre as classes sociais originárias das quatro personagens e possibilita, dessa maneira, uma relação estabelecida por meio do afeto. Somando-se a isso, a demarcação do nome próprio, sem a referência familiar ou marital, personifica e oferta às protagonistas propriedade e autenticidade de suas escolhas e ações ao longo da narrativa. O nome próprio solitário aproxima as personagens de nossas vidas cotidianas, como se as conhecêssemos de longa data.

Nesse sentido, a partir de uma análise comparativa dos diferentes papéis sociais, políticos e afetivos protagonizados pelas personagens, buscamos entender essas vozes de mulheres, que se afastam temporariamente de seus cotidianos e conversam entre si, às margens de um lago, como ferramentas de construção de novos pontos de vista sobre narrativas de si e histórias latino-americanas.

Os pressupostos conceituais

Uma das bases conceituais de nosso trabalho de pesquisa é a obra *Calibã e a bruxa*, da filósofa italiana Silvia Federici, que mapeia a relação existente entre a ascensão do capitalismo e a perseguição às mulheres livres,



como forma de dominação e empoderamento masculino no novo modelo social que estava se formando ainda na Idade Média. A autora explica que as sociedades pré-capitalistas incluíam as mulheres em atividades diversas e lhes davam autonomia decisória em sua comunidade, além de fortalecerem os laços afetivos necessários a uma vida coletiva saudável. Antes de serem estigmatizadas como “bruxas”, as mulheres eram plenamente donas de seus corpos, o que significava controlar todas as hierarquias da fertilidade, desde a compreensão plena de seu ciclo menstrual, até o controle gestacional, ou mesmo o aborto. Cabia às mulheres todas essas escolhas. Federici nos elucida que o sistema capitalista, primeiro isolou as mulheres em funções limitadas e específicas em suas comunidades, em seguida promoveu a caça àquelas que não se subordinavam, com a desculpa de que eram feiticeiras, demoníacas, porque detinham informações que só deveriam, naquele momento, ser de responsabilidade dos homens ou de Deus; por último, o capitalismo também tomou para si o corpo da mulher e o transformou em engrenagem reprodutora de mão de obra:

o Estado adotou um conjunto de medidas pró-natalistas, que, combinadas com a assistência pública, formaram o embrião de uma política reprodutiva capitalista. Aprovaram-se leis que bonificavam o casamento e penalizavam o celibato (...). Foi dada uma nova importância à família enquanto instituição-chave que assegurava a transmissão da propriedade e a reprodução da força de trabalho. (...)

(...) a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução (Federici 174).

Nos países mais desenvolvidos, os direitos femininos e a representação das mulheres acompanham a revolução do mundo do trabalho e as prerrogativas das guerras mundiais - na falta de mão de obra masculina, mulheres participam do espaço público. A partir dessa lógica, a liberdade feminina estaria, também e principalmente, relacionada ao mundo do trabalho e à sazonalidade de sua necessidade ao longo da história do mundo ocidental. E



a esse raciocínio não escapa a ausência de representação das mulheres em outros campos sociais, tal como o literário. Por isso, resgatar e evidenciar a literatura escrita por mulheres é, ao mesmo tempo, resgatar e evidenciar outras histórias latino-americanas, sob outros pontos de vista. Afinal, “no que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos historiadores não-feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado” (Scott 11).

Scott nos esclarece, ainda, a importância de se incluir o gênero como uma categoria útil de análise da história, na medida em que:

A exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões, redefinirá velhas questões em novos termos, tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia (Scott 93).

Nesse sentido, quando as questões e as relações de gênero na história ou na sociedade não são respeitadas ou consideradas como base de análise, percebemos a imanência das manifestações de violências simbólicas. Segundo Bourdieu,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la, e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes, resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu 47).

Ou seja, se a história tem apenas uma versão ou ponto de vista (e, no caso das mulheres ao longo do tempo, uma percepção predominantemente falocêntrica), ela naturaliza os efeitos da dominação, tornando-os imperceptíveis tanto ao dominador quanto ao dominado. Ouvir as vozes



dessas mulheres, então, é romper com essa perspectiva andrógena emoldurada na literatura e na história, tal como corrobora Zinani:

Assim, por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar a sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com a intenção de projetar uma estética com caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, e que se pode converter em elemento político influente na transformação dos sistemas de poder existentes (Zinani 17).

As violências simbólicas em *Nosotras que nos queremos tanto*

Há diversas demonstrações de violências de gênero ao longo da narrativa de Serrano. Já no que seria o “capítulo zero”, a personagem Maria reclama de a classificarem como doente, quando, na verdade, sente-se cansada e dominada por suas dores particulares. “Pero no me creen” (Serrano *Nosotras que nos queremos tanto* 9). A ratificação desse descrédito quanto à sanidade mental de Maria é elaborada no penúltimo capítulo do romance, quando os leitores estão completamente familiarizados com as histórias vividas pelas personagens. Maria nos diz:

Sí, dicen que estoy enferma. Que debo 'curarme' para entrar de nuevo en las filas de los socialmente aceptados. Dicen cantidades de cosas. Dicen que soy un monstruo de egoísmo, que por eso no he tenido hijos. Dicen que he gastado toda la energía del mundo en ser distinta, en tirar la fuerza encima con arrogancia y agresividad, que eso lo hacen los hombres. (...) También han dicho que soy mala. Que me reafirma que los demás me odien, porque discrimino, porque me aburro, porque no tengo piedad con los seres comunes y corrientes. Porque digo la verdad y eso es una tiranía para los demás. Dicen que soy fría. Que nos es normal que no haya establecido una familia (Serrano 351).

Em seu relato, está bastante elucidado que Maria é julgada - e condenada - por ter passado sua vida fazendo escolhas pouco convencionais aos padrões de gênero estabelecidos por sua sociedade e, por isso, é tratada como alguém sem controle do próprio estado emocional e psíquico. Ela precisa “ser curada” para fazer parte daqueles que seriam socialmente



aceitáveis. Esse trecho da narrativa é demarcado pela indeterminação do sujeito do verbo “dizer”, simbolizando gramaticalmente um discurso massivo e amplamente disseminado, declamado como se fosse uma verdade inquestionável, indiscutível. Tão indiscutível que Maria será internada em um hospital psiquiátrico. “Dicen”, “Dicen”, “Dicen”. Dizer a verdade, para ela, uma mulher, é o mesmo que se tornar arrogante e agir como os homens, e isso é imperdoável para a sociedade patriarcal do mundo de Maria, que a quer doce e dominada, por isso a interna. Sobre esse processo de dominação, Bourdieu nos esclarece que:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis (Bourdieu 82).

Maria, então, é subjugada a um estado de fragilidade e insegurança corporal a fim de que possa ser controlada e dominada pelos eixos sociais circundantes a ela.

Uma outra representação de dominação no romance aparece nos relatos sobre a vida da personagem Isabel. Mãe de cinco filhos, casada com um homem controlador e bem sucedido financeiramente, Isabel centraliza toda a sua vida em torno da rotina de seus familiares. Apesar de também ser uma profissional qualificada, seu trabalho é colocado em segundo plano em detrimento do cotidiano da vida doméstica. É Isabel quem gerencia os horários de todos e as tarefas que serão cumpridas pelos empregados da casa². Na noite de seu aniversário de 35 anos, sugerira a Hernán, seu marido, que passassem a noite a sós, em um motel, lugar que ela nunca havia frequentado anteriormente. O homem, completamente contrariado com a

² É importante salientar que a autora não faz uma ampla discussão interseccional em sua obra. O centro da narração são as quatro mulheres protagonista, personagens que compõem a classe média (Sara e Ana) e a classe média alta (Maria e Isabel), são brancas e com ensino superior. Por isso, nesse artigo, não entraremos nessa discussão.



ideia, sugere que as amigas de Isabel estão influenciando-a de modo negativo. “¿Y quién te ha metido esas ideas en la cabeza? ¿Las mujeres de tu oficina?” (Serrano 152). A insinuação de Hernán nessa cena demonstra sua reprovação ao que ele considera um comportamento subversivo de sua esposa e das outras mulheres, como se desejar uma noite de sexo com o marido fosse um grande pecado a uma mulher casada. Mesmo sentindo-se contrariado, Hernán cede ao desejo de Isabel. Entretanto, como é comum na relação entre os dois, a querência de Isabel é colocada em segundo plano, em nome do trabalho de Hernán. Ao receber uma ligação de seu chefe, Hernán rompe com a promessa e discute com Isabel, na noite de seu aniversário:

- Eres una mal agradecida - le habría gritado Hernán esa noche.

(...)

- Te preferiría pobre y menos sometido - fue toda la respuesta de Isabel.

Pensó en sus cinco hijos. en su gran casa en Las Condes. en los colegios particulares. en el precio de cada auto que estaba en el garage. Entró al baño y pateó la enorme lavadora General Electric con su respectiva secadora al lado. Hernán le apretó los brazos, sujetándola y la acusó de estar loca (Serrano 153-154).

Isabel, assim como Maria, ao insistir em um desejo e brigar por ele, é tratada como alguém fora de seu estado normal psíquico. O marido chama-a de louca. Hernán impõe seu poder de dominação não só com a força física, mas também com a humilhação moral. Isabel é desrespeitada de várias maneiras: como esposa, como aniversariante e como mulher.

Além de Maria e Isabel, a personagem Sara passa por situações de violência e dominação por conta de dois amores avassaladores que a tomam de assalto em um certo momento de sua vida: o Francisco e a política. “Sara fue siendo absorbida por este hombre y por la política, que venían siendo la misma cosa” (Serrano 92). Sara era, na época em que conheceu Francisco, uma estudante de engenharia disciplinada e eficiente. Quando se percebeu apaixonada por Francisco, entregou-se inteiramente a essa relação. Ambos consumiam-se.



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

No sabían ya cómo fundirse más, cómo hacer sentir al otro tal compenetración: se devoraban. Y luego Sara, jadeante, escondiendo su cara en el hueco de la axila de él, sentía que sencillamente no le cabía tanto amor. A veces creía que explotaría. No entendían cómo habían llegado a estar tan cerca y no se acordaban ya de cómo era la vida antes, sin el otro (Serrano 98).

Toda a intensidade carnal dessa relação era transpassada ao cotidiano de vivência entre eles. Sara dedicou-se a facilitar a vida de Francisco com a mesma paixão que experimentava no sexo. Cozinhou para todos os companheiros do partido, organizava as atividades de Francisco e o acompanhava em comitivas. “Todas las energías de Sara estuvieron dedicadas a hacer de la vida de Francisco la más vivible” (Serrano 102). Apesar de todo esse desprendimento e entrega, Sara conviveu com a infidelidade do companheiro em muitos episódios. Em nome do amor que sentia por seu namorado, Sara perdoou e voltou mais de uma vez para os braços de Francisco.

Todo en Francisco le encendía. Sara vivía en un estado de permante humedad. Como dice ella, se enamoró verdaderamente como una estúpida.

Y también al decir de ella, siguió comportándose como una estúpida cuando debiera haber dejado de serlo (Serrano 101).

Francisco comporta-se como um manipulador e conquistador de mulheres. Necessita de relacionamentos plurais para afirmar-se, entretanto foge de suas responsabilidades como parceiro. Quando Sara engravidou, ele lhe propôs um aborto. Sara recusou-se e, meses depois, descobriu que uma de suas amigas, que morou com os dois por um tempo a pedido do partido político, dera a luz uma filha de Francisco, com a ciência deste. Essa situação foi decisiva para o pleno desapego de Sara. Depois de tantas dores, Sara liberta-se desse relacionamento tóxico e castrador. Maria, ao ouvir o relato de Sara, questiona-lhe espantada:

- Pero. Sara. dime. ¿cómo le aguantaste tanto a ese hombre?

- Cómo me aguanté a mí misma. querrás decir. Fue culpa mía. Es por eso que he cerrado el capítulo matrimonio. Porque si me enamoro, pierdo la dignidad. Porque soy un ser humano capaz de



vivir lo que he vivido por opción. Me avergüenzo de la Sara de aquellos años. pues si me pasó lo que me pasó, fue porque yo lo permití (Serrano 106-107).

A história de Sara é a história de submissão de muitas mulheres. Mesmo formando parte de um grupo intelectual e profissionalmente bem resolvido, ela entrega-se ao sofrimento de uma relação amorosa problemática e desrespeitosa. Apenas quando alcança a sensação de humilhação e traição profundas, consegue curar-se do vício da paixão. Sua grande revolução no romance, portanto, é negar o casamento e o relacionamento amoroso a fim de blindar-se do sofrimento.

Ana, a narradora principal do romance, é a personagem que convive mais harmoniosamente com as questões de gênero. Ela tem um casamento estável, respeitoso e amoroso. Entretanto, em sua trajetória, um episódio provoca nela uma sensação de culpa constante: um caso esporádico e pontual de adultério. Diferente da história entre Sara e Francisco, Ana é a adúltera. Ao passar um tempo nos Estados Unidos, por conta de seu mestrado, conhece um estudante brasileiro, vizinho do apartamento universitário, que, desde o primeiro momento, deixa-a encantada e apaixonada. Por levar em consideração sua condição de mulher casada e mãe de dois filhos, Ana resiste aos encantos do colega por bastante tempo. Ela e o marido, Juan, tinham uma relação estável e de parceria. Juan responsabilizou-se por cuidar dos dois filhos para que Ana pudesse estudar livremente. Apesar de toda essa cumplicidade, Juan exigiu apenas uma condição: a fidelidade de Ana.

Me sentía iniusta con Juan. Había sido tan generoso con mi partida. Y su único ruego había sido ése: que no me enredara con otro. Era lo único capaz de quebrarle el corazón. Se reconocía poco civilizado sobre el tema, pero era superior a sí mismo. Yo conocía bien a Juan. Sabía que como buen hombre –sudamericano más encima– la fidelidad era el pilar del matrimonio. No es que Juan temiese que yo amara otro, lo único que temía era el sexo con otro. ¡El sexo, el sexo! El símbolo absoluto de propiedad. Ancestral, irracional. Y como yo tenía bastante culpa por estar en Nueva York, decidí retribuirle con esa moneda: le sería fiel (Serrano 226-227).



A relação de amor e de cumplicidade entre Ana e Juan é atravessada pelo símbolo ancestral da propriedade: o sexo. Ana, ao se apaixonar por seu colega brasileiro, Helio, culpa-se por ter deixado sua família no Chile e sacrifica seu desejo passional em nome dessa culpa. Pelo menos até o último dia de viagem.

La noche anterior a mi partida él me hizo una despedida. Cocinó para mí en esos minúsculos espacios y compró mucho vino. del bueno. Yo tomaba el avión a la mañana siguiente y me sentía relajada. Bebí una botella entera de vino. hábito que yo no tenía. y éste se me fue a la cabeza. Bueno. para resumir. terminamos en la cama. Explotamos como el agua cuando se abren las compuertas. Muertos de placer y de pena por separarnos. vivimos una noche loca. triste y maravillosa a la vez. Sentí inútil mi sacrificio y me maldií por haberme privado tanto tiempo. De sus brazos y de su cama me fui al avión (Serrano 227).

Algumas semanas depois de seu retorno ao Chile, Ana descobre que está grávida, mas, como também se entrega aos braços do marido Juan no mesmo dia de sua chegada, uma noite após o encontro com Helio, ela não tem certeza sobre a paternidade do bebê. Ambas as relações sexuais acontecem dentro do mesmo período de fertilidade de Ana. Ela jamais contou ao marido sobre sua paixão por Helio, tampouco sobre o adultério. Ao relatá-lo a Maria, admite: “Y yo cargo mi cruz. La he cargado cada día de estos veinteséis años y cada uno de esos mismos días, he esperado que algo en ella [mi hija] me diera la respuesta. Pero no me la ha dado” (Serrano 230).

Na relação entre Sara e Francisco, ele não demonstra sentir-se culpado por nenhum dos episódios de adultério, tampouco preocupa-se em escondê-los, como se a ele lhe fosse permitido socialmente esse tipo de comportamento, tanto que Sara volta a seus braços mais de uma vez. Na relação entre Ana e Juan, ela carrega, em silêncio, a culpa por uma noite passada de paixão e desejo ao lado de outro homem, já que sabe que a revelação desse segredo custaria o seu casamento definitivamente. Em ambas as histórias, há uma relação de dominação por parte dos homens em relação a suas companheiras e as mulheres com quem se relacionam.



Francisco, porque se permite estar com muitas mulheres ao mesmo tempo sem pensar no sofrimento que provoca por conta de suas escolhas. Juan, porque reconhece-se pouco civilizado se descobrisse uma relação sexual paralela de Ana - tratando seu corpo como propriedade exclusiva dele -, ameaçando terminar o casamento, ainda que o relacionamento entre os dois fosse permeado de muito afeto e cumplicidade.

Por isso, nossa hipótese sugere que, na produção literária de Serrano em questão, as relações de gênero são construídas também a partir da transgressão, por parte das mulheres, à dinâmica de violência como campo simbólico de perpetuação das relações de dominação dos elementos masculinos sobre os femininos.

Considerações finais

As bruxas sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas curiosas, sexualmente liberadas, revolucionárias (...) WITCH vive e ri em cada mulher. Ela é parte livre de cada uma de nós. (...) Você é uma bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal (Morgan 605-606).

Analisar as literaturas produzidas por mulheres no contexto social contemporâneo é ainda uma importante tarefa dos estudos literários, tendo em vista que não só é possível considerar a emergência de vozes múltiplas no contexto criativo, como também pensar em uma revisão do cânone masculino estabelecido. Sobre essa questão, Zinani nos esclarece que:

No momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e instituindo um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais (Zinani 33).



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

Tal perspectiva aprofunda-se em problematizações quando se pensa em ancorar esses estudos no contexto latino-americano, na medida em que a multiplicidade de países, histórias e culturas presentes no continente torna o mapeamento da literatura escrita por mulheres uma tarefa de revisão, reconstrução e desconstrução da história que se conta do tempo presente nas sociedades latino-americanas, a partir da análise narratológica das personagens. Investigar este campo literário é imprescindível, nesse sentido, porque transforma as mulheres em sujeitos de seu próprio discurso, desprendendo-se da consolidada produção masculina, sexista e patriarcal que permeia o imaginário literário há séculos.

Sabemos que tanto no campo social, quanto no literário, o espaço ocupado pelas mulheres ainda está longe de ser satisfatório e justo. Entretanto, não se pode negar que desde o século XVIII, quando Mary Wollstonecraft publicou o seu livro *Reivindicação dos direitos da mulher*, em 1782, a voz das mulheres iniciou seu processo de amplitude e pluralização. Ao longo desses dois séculos de história, observamos ainda questões tratadas pela autora inglesa serem cotidianas na vida das mulheres atuais, tais como: a desigualdade de gênero no campo político, a discriminação de gênero na educação e a inferiorização das mulheres em detrimento dos homens. O livro de Marcela Serrano, nesse sentido, amplifica essa voz, não só porque a autora é uma mulher, mas também, e principalmente, porque seu texto traz outras mulheres como protagonistas do romance e de suas vidas, esmiuçando e evidenciando, a partir das próprias experiências e do exercício de escuta da experiência das outras mulheres, marcas de violências (no plural) de gênero em várias esferas de suas vidas. Dar voz a quem foi calada durante tantos séculos é uma maneira de reajustar a história das mulheres e devolver-lhes o poder sobre si e sobre suas escolhas, seja no campo literário, seja no campo político, seja no campo social.

Silenciar - ou perseguir - as mulheres é uma tática de dominação que a sociedade patriarcal soube desvelar com precisão ao longo da história social. Quando as mulheres rebelavam-se contra as estruturas de opressão,



reivindicando para si o manejo de suas próprias vidas e ideias, foram estigmatizadas e caçadas como feiticeiras demoníacas. O efeito desse silenciamento reverbera até os dias atuais, agora representado na forma de violência doméstica, assédio sexual, violência sexual e feminicídio. Com sua obra e suas personagens, Marcela Serrano interrompe parte desse círculo vicioso de dominação, silenciamento e caça.

Se consideramos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura (Federici 305).

Como bem nos esclareceu Federici, o imaginário da bruxa está associado ao mal e ao demoníaco. Por isso, não é incomum que “bruxa” também seja usado até os dias atuais como tratamento ofensivo às mulheres consideradas subversivas, indomáveis e autênticas. As bruxas contemporâneas de Serrano, subversivas, lutaram contra a ditadura chilena, o machismo de seus companheiros e os julgamentos sociais. Ser uma bruxa é ser capaz de promover revoluções e abalar estamentos engessados.

A violência de gênero é o novo nome da caça às bruxas.

Bibliografia

Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Frederici, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

Morgan, Robin. *Sisterhood is Powerfull*. Nova York: Vintage, 1970.

Scott, Joan Wallach. *Gênero - uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade* 20. 2 (1995): 71-99.

Serrano, Marcela. *Nós que nos amávamos tanto*. Rio de Janeiro: Record, 2005.



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

----- . *Nosotras que nos queremos tanto*. Buenos Aires: Altaya, 1999.

Zinani, Cecil J. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*.
Caxias do Sul: EducS, 2013.